



TESTEMUNHO FEMININO E IMIGRAÇÃO: MULHERES VÊNETAS EM CIDADES BRASILEIRAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Núncia Santoro de Constantino *

Desejo cumprimentar os presentes e agradecer os organizadores deste evento que formalizaram este convite, em especial Professoras dras. Joana Pedro e Amaria Luiza Andrezza. Comprimentos especiais aos presentes desta cidade tão querida.

Estou aqui para propor reflexões sobre as mulheres venetas imigrantes no Brasil e sobre História Oral. E estou ansiosa por pensar em voz alta, num exercício no qual pretendo dialogar com personagens das pesquisas que desenvolvo, pessoas as quais, narrando, colaboram comigo para a reconstrução de um processo histórico. Retomo algumas noções fundamentais e necessárias a compreensão do meu pensamento.

Sabemos que a História Oral se revitalizou; esta é uma discussão finalizada nos setores acadêmicos. Por outro lado, sabemos que, se a História Oral se revitalizou, é porque no século XX propõe-se um novo tipo de História, mais ampla, onde estão incluídos as ações de todas pessoas, inclusive ações daquelas pessoas comuns, que deixaram poucos vestígios nos arquivos instituídos. Assim, com o tempo, sentiu-se a necessidade de escutar e prestar atenção na palavra de todas as pessoas.

Mas a História Oral vai além porque cria também fontes, com a ajuda de quem as vivenciou.

Estou escutando mulheres imigrantes, em um projeto que se desenvolve em rede internacional, em companhia da professora Chiara Vangelista, da Universidade de Gênova. Devemos escutar histórias de mulheres, para conhecer ainda mais sobre a imigração.

Através do nosso projeto, desejamos que aquela imigrante que conta a sua trajetória seja uma mediadora entre as duas realidades distintas, aquela que deixou e aquela que encontrou nas cidades brasileiras.

Procuró dialogar com Maria, Adriana, Chiara e Rosa, mulheres vênetas que deixaram respectivamente a pequena cidade de Anonne Veneto(Treviso), Limena (Padova); a aldeia alpina de Costalta di Cadore (Belluno); procuró dialogar com Rosa, proveniente da cidade de Treviso; mulheres que chegaram no Brasil no pós-guerra.

Chiara, Adriana e Rosa vivem em Porto Alegre. Incluo Maria, morta há 11 anos, mesmo que tenha vivido em São Paulo, porque sua história me comove e acrescenta à tipologia das mulheres imigrantes nas grandes cidades. Mulheres que, por sua vez, complementam a história da

* Doutora em História Social, Docente no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



imigração feminina do Veneto no sul do Brasil, predominantemente uma história que tem como cenário as áreas rurais. Esta inclusão também é importante por ter Maria nascido em 1904 e por ter sido possível obter depoimentos sobre sua vida, o que não foi possível obter sobre outras mulheres que hoje teriam mais de cem anos e que tivessem vivido em Porto Alegre.

Minhas quatro mulheres emigram em consequência da guerra; era preciso buscar outra alternativa de luta contra o desemprego, a carência, a falta de perspectiva. Apesar do Brasil ter lutado ao lado dos aliados na guerra, apesar das restrições que vinham sendo impostas aos italianos no Brasil, o país assim mesmo continuava sendo uma alternativa.

Na verdade, a guerra fora somente "... um tropeço nas boas relações bilaterais", como afirma Amado Cervo. Lembra que o ministro Osvaldo Aranha, declarando o estado de guerra, praticamente pedia desculpas ao Embaixador italiano.¹

Seintenfus, afirma que as relações italo-brasileiras foram historicamente corretas e amistosas. Acredita que as autoridades italianas sempre trataram as questões de forma conciliadora, ao contrário da chancelaria de Berlin, que tratava de forma intransigente.²

Na verdade, a grande maioria dos imigrantes resistira aos apelos da ativa diplomacia de Mussolini. Essa grande maioria encontrava-se perfeitamente integrada, como demonstra Giron.³ Havia também importante grupo de italianos a expressar ressentimentos com relação à pátria de origem, seja por considerar-se expulso pela injustiça social, seja por posição contrária ao fascismo. Sempre reclamaram os cônsules, porque a maior parte dos imigrantes não participava de uma "vida comunitária italiana".⁴

Lembra-se também que, quando o corpo expedicionário desembarcou na Itália, em julho de 44, foi ovacionado pelo povo e saudado pelo Ministro Bonomi, que enviou telegrama a Vargas, afirmando fraterna acolhida aos soldados brasileiros. Além do mais, as medidas para recompor a amizade, finda a guerra, foram rápidas: mesmo antes da assinatura dos tratados de paz, um decreto liberava bens confiscados aos italianos.⁵

Dado indiscutível é que, entre 41 e 50, com todas as dificuldades decorrentes da guerra, a imigração italiana no Brasil aumentou cinco vezes e continuaria aumentando na década de 1950,

¹ CERVO, Amado Luiz. *As relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861*. In: DE BONI, Luis A.(Org) **A presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: EST;Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.29

² SEINTENFUS, Ricardo Antonio Silva. *As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939*. In: DE BONI, Luis A. **Op.Cit.** p. 44-5

³ GIRON,

⁴ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O Italiano da Esquina: imigrangtes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: EST, 1991.

⁵ CERVO, Amado Luiz. *As relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861*. In: DE BONI, Luis A.(Org) **A presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre; Torino: EST;Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.29



quando Maria, Adriana, Chiara e Rosa desembarcaram no país, sendo que a primeira desembarca no porto de Santos para viver sempre em São Paulo.

Esta cidade, a mais populosa do Brasil e de todo o hemisfério sul, tem hoje cerca de 11 milhões de habitantes. Desde meados do século XIX passara a se beneficiar das ferrovias e a facilidade para a exportação de café permite à São Paulo um rápido desenvolvimento econômico. O crescimento industrial tem origem no capital acumulado pela produção cafeeira, no início do século XX, mas deu um enorme salto durante a Segunda Grande Guerra quando, além da crise do café, houve todas as dificuldades possíveis ao comércio internacional.

Foi no final da guerra que a cidade sofre uma intervenção urbanística sem precedentes, com amplos investimentos no sistema viário, facilitando o futuro aumento da circulação dos automóveis, cuja indústria se instalaria no Brasil, próprio em São Paulo, em 1956. Também é no período que a cidade firma-se como metrópole pois, em 54, comemorando o quarto centenário de sua fundação, inauguram-se prédios monumentais projetados por Niemeyer, assim como o Parque Ibirapuera.

Um ano depois Maria está chegando ao Brasil, para viver e morrer na região da grande São Paulo, em áreas industriais.

A capital brasileira do extremo sul é Porto Alegre que, no pós-guerra também passara por rápido desenvolvimento industrial, cujo processo iniciara no final do século XIX.

Desde o final da década de 1940 a cidade inicia a transição para a moderna metrópole. A aceleração do crescimento é associada à guerra. Com a impossibilidade de importar-se bens de consumo, amplia-se o número de indústrias na cidade e, com o crescimento do parque industrial, foi necessário investir em mão-de-obra, incentivando-se o ingresso de estrangeiros. Porto Alegre então firma-se como o maior núcleo industrial do Estado do Rio Grande do Sul. O crescimento demográfico entre 1940 e 50 foi de 45%, o número de habitantes passa de 272.000 a 394.000. Sendo o setor industrial muito diversificado, houve facilidade de absorção de vasto contingente de trabalhadores das mais diversas categorias que se estabelecem na cidade depois de 1940.

Concomitante com o desenvolvimento industrial amplia-se a rede comercial que acompanha o ritmo de ascensão da capital do Rio Grande do Sul. Além dos grandes estabelecimentos atacadistas que atendem todo o Estado, surgem os primeiros grandes magazines e lojas de departamentos. Ramifica-se o sistema bancário; também o sistema viário é expandido e a zona urbana cresce em superfície, com sucessivas intervenções e com novos loteamentos, destinados a operários. O centro cresce verticalmente e continua sendo o principal núcleo das sociabilidades. Ali



constroem-se arranha-céus, ali estão os cinemas, cafés e confeitarias, e dali moderniza-se o sistema viário.

Mesmo que o período entre 1940 e 1940 tenha sido agitado politicamente, a cidade continuou a crescer e a desenvolver-se.

Desembarcando em Porto Alegre, Chiara e Rosa encontram uma cidade moderna.

Mas retornamos à questão da imigração que é fenômeno de massa, mas que é, e primeiro de tudo, um deslocamento de diversas pessoas em diferentes tempos e espaços, qualificados em muitos sentidos, isto é, social, econômico, político e cultural.

E é sempre uma viagem, uma longa viagem aquela que o imigrante realiza, com os seus três momentos que variam na duração, isto é, partir, transitar e chegar, segundo Richard Leed.

Para essas mulheres, emigrar era nas circunstâncias o único caminho de saída. E partiram.

Maria Pantarotto nasce em Pramagione, Província de Veneza, em 2 de agosto de 1904. Casa-se com Giulio Miotto e passam a viver em Annone Veneto. O marido sofre um sério acidente ao tentar consertar um telhado, permanece alguns anos no hospital até a morte, enquanto Maria luta pela sobrevivência da numerosa família. Em 1955 a viúva parte com duas filhas; vêm para São Paulo encontrar os filhos Luigi e Enrico que trabalham na oficina mecânica de propriedade de um tio. Deixava para trás a filha Luigia, que ajudava uma tia em Roma, porteira de um edifício no centro da cidade. Maria deixava também o trabalho como diarista nos campos, durante a colheita, e o trabalho como doméstica junto a famílias da região, em cujas casas lavava roupas ou fazia limpezas. Os últimos tempos de guerra foram tempos de fome, o trabalho escasseou, nem mesmo havia lã para tecer algum agasalho, desaparecidas as ovelhas, vazios os estábulos. Arrasados os campos, faltava o milho para a polenta, principal alimento na mesa dos vênetsos. Luigi e Enrico partiram logo que possível. Maria, com as filhas Rita e Marcellina, viajaram para o Brasil alguns anos depois de terminada a guerra.

Adriana vem a São Paulo em 1950, com 14 anos. Parte de Limena com os pais e três irmãos. O pai era agricultor e comerciante de grãos; trabalhará no Brasil com importação e exportação de café, arroz e depois soja. Na Itália possuíam uma bela casa com muitos quartos e uma razoável extensão de terra, mas a guerra acabou com os negócios do pai. Quando foi possível viajar para o Brasil, vieram encontrar o tio Attilio, que estava há muito em São Paulo e que enviou carta de chamada ao irmão Carlo, além de providenciar a casa onde a família deveria ser alojada. Tempos depois deslocaram-se para Porto Alegre, já em melhor condição, com a família menor porque a irmã mais velha havia retornado à Itália. Foi difícil abandonar a casa da infância no Veneto, que



ficou fechada e mais tarde vendida. Foi muito difícil deixar as primas, as amigas, os avós que nunca mais viu. Lembra sempre do pranto da avó na despedida. Voltou muitas vezes, mas nunca encontrou nada daquilo que havia deixado.

Chiara (Gotter) nasceu no vilarejo no topo de Costalta, em 1920. A família estava bem, possuíam um armazém; o pai saía na primavera com os filhos mais velhos, para trabalharem durante o verão na Áustria. Chiara namorou o futuro marido, que era de Santo Stefano, uma aldeia próxima. (Santo Stefano di Cadore) e que estudava para ser veterinário em Bolonha. Casaram quando terminou a guerra, ela com 25 anos. Foi morar na casa do sogro viúvo, *marechal de finanças*. Administravam um grande depósito das mercadorias que eram monopólio do estado, como fumo e sal; Chiara tomava conta da casa. Assim, teve o primeiro filho em 46 e uma filha em 49. Mas a guerra complicara tudo e não havia trabalho para o marido. Este era amigo de infância do padre scalabriniano Rodolfo, que lhe arranhou trabalho como veterinário no Brasil. Mario começou a trabalhar em 49. Em 1950 Chiara chegou com dois filhos pequenos no Brasil .

Conta a trevisana Rosa que partiu aos 15 anos, com o pai viúvo, professor de liceu na Itália, e na companhia do irmão menor, Gianni. A Itália logo depois da guerra era país muito difícil para viver, sem esperança. O Professore Giorgio desejou começar uma vida nova, desejou buscar um futuro para os filhos e, para isso precisou abandonar parte da família que nunca mais encontrou. Deixaram para trás o bonito apartamento no centro da cidade, que guardava tantas lembranças da mãe recém falecida. Uma irmã mais velha de Giorgio e o cunhado viviam no Brasil há muito tempo, proprietários de lojas de calçados; e ofereciam trabalho. Venderam quase tudo, muito pouco trouxeram, porque de início não teriam casa, hospedados na casa dos tios.

As imigrantes partiram e transitaram. Dependendo de quem ela é, tal trânsito que pode durar mais ou menos tempo.

A viúva Maria chega ao porto de Santos e encontra toda a sua família brasileira: irmão, cunhada, sobrinhas, alguns primos, dois filhos. Viaja de trem para São Paulo; os filhos Luigi e Enrico moravam no Moinho Velho, bairro do Ipiranga, perto da oficina onde trabalhavam. Logo nos primeiros dias brasileiros Maria ocupa-se da casa e da família; suas filhas logo encontram trabalho: Rita empregou-se na casa do Cônsul italiano, para serviços domésticos; Marcellina em fábrica de confecções.

Maria teve o seu Brasil na casa dos filhos, fosse no Moinho Velho, fosse nas Mercês ou, mais tarde, na casa de São Caetano, onde o filho Enrico estabeleceu uma fábrica, ou no sítio da família. Ali sentia-se no Vêneto, com sua horta e pomar.



Adriana desembarcou no Brasil contente, ansiosa para conhecer seu novo mundo. Com sua família conheceu o Rio de Janeiro, antes de desembarcar em Santos, onde foram hospedados em bonito hotel, na Praia Grande. No outro dia subiram para São Paulo e ficaram em estado de choque quando viram a casa em que deveriam morar: um sobradinho escuro e apertado no bairro do Ipiranga. Mariella e Adriana choraram juntas, quando uma parava a outra recomeçava. Prometiam-se fugir e retornar à Itália. Foram matriculadas numa escola pública, onde nada entendiam e onde não conseguiram fazer amizades. Escreviam cartas diariamente às primas e amigas que ficaram, poucas respostas recebiam. Quando falaram um pouco melhor o português acharam emprego: Anna como aeromoça da Alitalia, Mariella como caixa numa loja de calçados, Adriana como recepcionista em consultório de oftalmologista. Mas por pouco tempo, pois a família logo transferiu-se para Porto Alegre, onde tinham conhecidos, negociantes como o pai. Somente Anna ficou e, logo depois, retornou à Itália, como funcionária da companhia aérea em que trabalhava.

Chiara aportou em Santos, onde encontrou o marido. Foram de trem até Caçador e por fim de jipe até Lages, em Santa Catarina, percorrendo as grandes distâncias brasileiras. Ali havia uma bonita casa alugada, mas era no meio do campo, sem ninguém à volta. Depois de Lages foram transferidos para Passo Fundo, no RS, onde nasceu a terceira filha do casal, em 1954. O marido então trocou de emprego e entrou para uma grande firma multinacional, a Bayer; com escritório em Porto Alegre. Quando Chiara estabeleceu-se com a família em Porto Alegre, se sentiu como em Milão; desfrutou a cidade moderna, ainda que detestasse a comida: sempre arroz e feijão.

Rosa passeava na cidade, acompanhada pela tia. Nos primeiros tempos ajudava-lhe no serviço doméstico e, depois da sesta sagrada, passeavam de bonde, percorrendo longas distâncias sem nunca alcançar a campanha. A adolescente começou a freqüentar a escola; fez exames e ficou na terceira série ginásial do Colégio Bom Conselho, de freiras franciscanas alemãs. Passeava aos domingos na Rua da Praia, depois da sessão de cinema, sempre em companhia da tia. Continuou os estudos fazendo um curso de secretariado no Colégio Americano e logo começou a trabalhar na Olivetti, onde o pai também trabalhava. Nunca deixou de sentir-se uma moça diferente, com acentuado sotaque italiano. Não freqüentava quase as festas dos italianos na cidade e acabou encontrando um marido brasileiro, descendente de alemães. Casou-se aos vinte e dois anos e tem três filhos.

No entanto e com frequência, independentemente do tempo empregado, chegava-se na terra da diáspora.



As filhas de Maria deixaram namorados na Itália e, quando foi possível, retornaram. Rita levou consigo o enxoval, casou-se com Agostino, viveu e faleceu em Bologna, na companhia da filha e do genro. Marcellina voltou e casou em Annone, onde ainda mora, cercada por filhos e netos. Luigia permaneceu solteira, trabalhando sempre em Roma, até retornar recentemente a Annone, onde vive como aposentada, ao lado da casa da irmã.

Maria viu as filhas retornarem à Itália e ficou sempre no Brasil, em companhia do filho Enrico; retornou várias vezes à Annone Vêneto e, em São Paulo, muitas vezes recebeu a visita das filhas, genros e netos “italianos”. Ocupou-se sempre da casa, auxiliou a nora a criar os netos brasileiros. Naquela casa em São Bernardo, próxima à metalúrgica fundada e dirigida pelo filho Enrico, continuou chegando ao Brasil até morrer, em 1995, com 91 anos, sem falar português.

Adriana casou, teve três meninos e divorciou-se quando eram adolescentes. Morou por décadas no grande apartamento dos Jardins, em São Paulo, freqüentando o Circolo Italiano e a Associação dos Padovani. Foi sempre auxiliada pelos pais, enquanto viveram, morando no grande sobrado de Higienópolis, onde recebiam todos os domingos os filhos e netos. Como duas irmãs retornaram e vivem em Roma, Adriana anualmente viaja para a Itália, ainda que tenha abandonado a província de Padova, pois os seus estão em Roma.

Chiara teve necessidade de ajuda, pois a família aumentava rapidamente no Brasil. Tinha como empregada doméstica uma moça da região colonial italiana que lhe ajudou a ser brasileira. Entendeu que deveria fazer amigos e mantém até hoje essas amizades. Sempre morou no mesmo Bairro, onde tem muitos amigos, onde conhece toda a vizinhança. Também freqüenta até hoje a Igreja de Pompéia, dos padres escalabrinianos, onde encontra outros italianos, há muitos anos no Brasil, como ela.

Rosa casou em 1963, teve quatro filhos. Durante muitos anos cuidou da família e trabalhou como professora, ajudando a formar secretárias e arquivistas e auxiliares de escritório. Convivendo com a família brasileira do marido e com a perda do pai, estava esquecendo as origens. Mas divorciou-se há alguns anos, com todos os filhos estudando, e precisou trabalhar ainda mais. Participou da criação de vários cursos em Porto Alegre e no interior do estado, realizou muitos cursos de especialização na Itália. Voltou a freqüentar as sociedades italianas.

Para o historiador da imigração, não se trata de analisar uma massa sem rosto que se desloca, mas pessoas que se movem motivadas por várias razões, construindo novas identidades, em busca daquilo que acreditavam ser melhor, com corajosa iniciativa.



É importante ressaltar que o imigrante existe quando ultrapassa qualquer fronteira: é aquele que vem de fora. Eu vejo a imigrante e narro sobre ela, o meu olhar é etnocêntrico. Dificilmente o imigrante conta sobre si como tal. Através da oralidade concedo à imigrante o direito de narrar-se.

A par dos números relacionados aos fluxos humanos , às quantidades de dinheiro ou de mercadorias que cruzam o oceano, a par da detalhada análise dos fatores de expulsão e de atração, preciso ver muitos rostos e ouvir muitas vozes quando estudo a imigração. Preciso ver e escutar muito para reconstruir, com todas as deficiências que a reconstrução supõe, o complexo e multifacetado fenômeno da imigração. São as vozes dessas mulheres que me devolvem os rostos de pessoas comuns.

Preciso ter consciência que a memória destas mulheres é narrada sob diferentes pontos de vista.

Para a psicanálise, a memória é um campo no qual as significações feitas por alguém articulam-se em linha de continuidade, a partir das experiências vividas ou imaginadas, mas esta linha pode estar interrompida em alguns pontos pela ação de processos defensivos, os mecanismos de defesa, como a repressão, a negação, a racionalização, a projeção, relacionados com a autorepresentação.

Em verdade, as memórias esquecidas podem estar reprimidas, a essência da representação está em afastar algo consciente, mantendo-o no inconsciente.

Maria não gostava de falar muito de Annone, onde enfrentou tantas e cruéis circunstâncias; também Rosa custa a falar de Treviso, onde deixou a sepultura da mãe. Com historiadora, ajudo essas mulheres a cavarem, a trazerem à tona aquilo que estava submerso.

Um outro mecanismo de defesa é a negação. Qualquer coisa que perturba o Ego e que não é aceito pela consciência. As imigrantes sempre afirmam que se integraram no Brasil, mas a nostalgia do seu *paese* reflete-se nas freqüentes comparações em que a superioridade italiana é salientada. Esquecem a guerra para decantar as qualidades do Vêneto, confundindo passado com presente.

Um outro mecanismo é a racionalização: processo no qual se encontram motivos lógicos, aceitáveis, para ações inaceitáveis. Para algumas, os tempos de Mussolini eram bons tempos e a Itália progredia; o *Duce* teria sido traído e, por isso, colocou o país em risco.

Quanto à autorepresentação, precisamos considerar que as pessoas desejam apresentar-se com coerência, porque nem sempre foram coerentes. Amadureceram, mudaram, mas apresentam-se ao outro como se tivessem sido sempre assim. Trata-se dea moldura do presente, como ensina Halbwachs.



Lembro Fraser, quando diz que a autorepresentação é expressada por esteriótipos e mitos. Tratando-se do tema imigração, os esteriótipos mais frequentes são a mulher paciente, a mulher generosa, a mulher avançada, a mãe abnegada, o comerciante honesto, o pai trabalhador, o menino pobre e trabalhador, a filha dedicada, a mãe exemplar, o imigrante incansável, trabalhador modelo. Tais esteriótipos são fenômenos culturais e, por isso, interiorizados, vividos como naturais.

Foi concedido às imigrantes um momento para reconstruir o próprio passado. Independente dos modelos narrativos, as suas histórias são ricas de indícios que nos colocam no cotidiano dos imigrantes e das suas famílias, ao trabalho que desenvolveram, a cidade européia que ficou longe, a cidade brasileira que se transformou e que é lembrada através do olhar desabitado e distante daquela que foi estrangeira. AO fenômeno da imigração apresenta-se na sua complexidade; deixo de ter a impressão de ver um contingente sem rosto; encontro pessoas, mulheres estrangeiras que fazem parte das cidades brasileiras.

De Maria escuta-se na Itália sua voz na gravação familiar, vê-se nas fotografias sua imagem, olhos azuis muito claros; lenço escuro escondendo os cabelos brancos. No final de sua vida ainda cantava velhas canções no seu dialeto, embalando bisnetos brasileiros.

O marido de Chiara faleceu há muito e, aos 83 anos, ela ocupa-se do filho Ricardo, com síndrome de Down. Seu filho mais velho é engenheiro, tem uma filha psicóloga e outra médica. Acompanha a vida dos netos que são moços alegres e saudáveis, a quem gosta de contar sobre Costalta di Cadore.

As irmãs de Adriana voltaram à Itália e hoje vivem em Roma administrando uma imobiliária. O irmão chegou a ser vice-presidente de Banco e faleceu recentemente. Adriana casou-se novamente; mora em Miami, na Florida, distante dos filhos que permanecem no Brasil, reproduzindo uma história de separações e rupturas.

Rosa hoje dirige uma empresa para formação e colocação de recursos humanos. Recebeu recentemente como herança uma propriedade agrícola em Treviso, cuja venda proporciona-lhe segurança econômica para o futuro. Os filhos cursaram universidades e todos trabalham na cidade onde nasceram e cresceram.

Agora devo tecer, fazer uma análise histórica, contar um processo no qual as pessoas se deslocam de um mundo para outro. É indiscutível que aquelas mulheres me ajudaram a escrever a história da imigração. Todos sabemos bem mais sobre a realidade italiana, da qual são mediadoras. Sabemos bem mais sobre nossas cidades, por elas observadas, no passado, através de olhares de estranhamento, como é próprio dos estrangeiros. Conhecemos também, através delas, um pouco



mais sobre o fenômeno imigratório, na sua imensa complexidade, assim como conhecemos melhor e importância do papel feminino na história desta imigração.

Posso rapidamente encerrar, afirmando da admiração que tenho por essas mulheres, decorrente da luta de empreenderam ou empreendem, adaptando-se às diferentes circunstâncias que meu país oportunizou.

Para todas servirão, sem dúvida, as palavras escritas por Enrico Miotto sobre a mãe:

... de família humilde, sem instrução, enfrentando grandes dificuldades em decorrência das guerras e da destruição do Vêneto, foi heroína. Trabalhadora, soube criar filhos também trabalhadores e honestos. Nós, seus filhos, onde estivéssemos, tivemos a mesma escola: o amor e os ensinamentos maternos. Sendo o caçula dos seus filhos, agradeço a Deus a felicidade de tê-la perto até o final de sua vida

Maria, uma mulher vêneta que, a exemplo de Chiara, de Adriana ou de Rosa, deixam tanto de si no Brasil. Uma tranquila camponesa veneta na mais frenética cidade brasileira.

Referências Bibliográficas

CERVO, Amado Luiz. *As relações diplomáticas entre o Brasil e a Itália desde 1861*. In: DE BONI, Luis A.(Org.) *A presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre; Torino: EST;Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O Italiano da Esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: EST, 1991.

GIRON, Loraine Slomp. *Produção e Reprodução: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio grande do Sul*. In: DE BONI, Luis A.(Org) *A presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre; Torino: EST;Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

SEINTENFUS, Ricardo Antonio Silva. *As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939*. In: DE BONI, Luis A. (Org.) *A presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre; Torino: EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.